

XAVIER CASP

SOU QUEM SOU



2001

ELS PLECS DEL MAGNÀNIM

Colecção dirigida por Ricardo Bellveser

13

Tradução do castelhano:
Luís Filipe Sarmiento

© Xavier Casp, 2001

© Da presente edição:

Institució Alfons el Magnànim

Diputació de València, 2001

Corona, 36

46003 València

alfons.magnanim@diputacion.m400.gva.es

www.xarxamuseus.com/alfons/index.htm

Desenho de Xavier Casp para a capa e capitulares de Juan Ramos

Depósito Legal: V. 803-2001

Impresso em Lluís Palacios, Sueca

Ambição

Sou quem sou
Com porquê e sem porquê.
Será uma questão de ser
o pouco em tudo?

É meu o ar que respiro
ou somente porque o respiro?
Não posso sentir-me nada livre
se tudo o que é, é de todos.

Sim. Sim?

Não sei se ganhei já a reverência
para lhe dizer adeus aos gritos;
não deixarei que roubem esse esforço que no meu peito
me dita a coral jurisprudência.

Não sei se o Sol descansa durante a noite
nem se a Lua dorme de dia;
eu, de dia, trabalho a harmonia
que encontra o canto do espírito na noite.

Nada me atrai o orgulho que altivo desafia
o que é o tempo, o que é a Lua e o que é o Sol;
sou somente um homem qualquer
que ama viver se vive em poesia.

Já não me comove o fervor da maré
que me pode conduzir à calma ou à fúria;
tudo é um jogo incontinente de luxúria
de querer o desejo quem o quiser.

Eu sei que não estou só na penúria
de ignorar esse ignorar-me a mim mesmo;
eu sempre activo a pena que merece
o tétrico do neutro e da incúria.

E não é o cinzento silêncio o que me cresce,
mas sim o toque essencial de pregaria
que eleva a lei à fibra necessária
quando é íntimo critério o que aparece.

E percebido o gozo da alba originária
adivinho uma rota não invocada
onde o fulgor da paz enamorada
me estiliza na luz a luminária.

Respiro totalmente a minha própria brisa
que a alma já não me nega a imagem!

O temporal

Não sei realmente se é meu
sentir em mim este presente
do antes ao depois
ou se sou o ainda
de estar a viver eu mesmo
a esperança de estar vivo

Não sei, nem me faz falta sabê-lo:
o tempo vem... mas passa.

Simplesmente

Hoje é apenas como um porto
neste mar dos meus desassossegos
indiscretos,
onde escolher desportos não faz falta
—entre os vales e desfiladeiros—
tendo em contra a âncora dos factos.

E não são os anos o que me implica o pensamento
mas sim viver que vivi
convivendo,
que me explica as fechaduras
das portas da saúde
que me têm existindo...

Da luz, a claridade
e da escuridão quero a audácia
do incerto
e, aprender do amor o voar
sem nunca economizar a graça
de amar a céu aberto.

Bani a voz do grito
que chamusca as palavras
dos orgulhos,
e entendo bem cada sentido
para que acabem sempre em nada
os diálogos altivos de olhares.

Por isso não quero somente
a hora e o lugar em toda a pauta

de presença;
quando o antes sucede ao depois
é porque o agora eleva à fortuna
a conquista da essência

... Ter um porto apenas meu
e o desporto ao ar livre
de todo o eu,
é salvar-me em cada cruz
desta idade que me faz viver
fome de excesso... sede de perdão...

Como de mim estou presente?
Simplesmente!

Bem simples

É tão simplesmente simples
e fácil o quieto
sem que a razão o anime!

É tão fácil olhar sem querer,
ver sem olhar
e querer ver o que não se vê;

ser superficial,
aclarar a escuridão,
intuir daqui o além;

não aventurar se sou ou se não sou,
rodar-me por dentro, em mim,
acreditar que é de fora que me vem o próprio pulsar...

Se o anoitecer
aclara suavemente a consciência
que é a causa motriz

de levantar-me a matéria
ao feliz da alma
que me dita a eficiência,

é tão fácil e tão simples entregar-me à ânsia
de fazer grande o pequeno
e que o pode ser sempre todavia!

... E cala-se-me o exemplo que descrevem
os voos serenos e altivos das gaivotas,

mas também os pequenos e saltimbancos
dos pardais diários...

e a preguiça astuta do lagarto...
e tudo o que é como é sem o pensar...

Quem ama a natureza
desperta-lhe activamente a espera.

Naturalmente, é tão simples:
simplesmente é Deus em mim.

A expressão

O fútil bajo da palavra
muito frequentemente
viola o casto cristal
do que digo.

Terei somente que dizer-me a quem
só olhando o olhar me entendem?

É tão terno o alento
do coração activo do pensamento!

Ilumina-se-me o dia

Desperta-se-me o oboé
incentivo do terno vento entre os pinheiros.
Somente memorável ou metáfora que desperta
e me ordena os sentidos?

É sinuoso pensar no que penso quando penso,
porque sei que nunca nasce o silêncio de calar.
Se não inauguro o canto da aurora no bosque
perderei o que se vem do que não se vai.

Sei que há já muito tempo que não posso nem
desejo rir-me,
e isso porque o gozo do meu riso é de saúde diária;
creio que é só de ontem a escuridão dos possíveis,
mas o ontem nada significa quando é véspera de graça.

Se para mim o sorriso não é só uma argúcia
da boa criança,
mas também um sentimento nítido, um caminho ao
rir suculento
de eficiente fragrância,

porque rir é cântico primário de alegria
activa porque prudente...
Se para mim é a rosa a alegria sedosa
das raízes do roseiral,

no íris do meu arco de rir e sorrir
da alegria ao gozo,
proclamo a virtude terrena das raízes
do meu coração tão rico em voos.

... Desperta-se-me a brisa
entre os pinheiros do meu bosque já frutífero de
alegria
e harmonizo as mãos
para missões de tacto e para exórdios de carícia...

O que alcançam as minhas mãos
quando o abraço está em flor?

De boa manhã

Abrir os olhos
para não ver;
as minúsculas formigas
que entorpecem as pálpebras,
dançam o prazer
próximo do choro
de fraldas.
Que dorme à sombra dos duendezinhos?

Quando despertar
é acordar,
é sempre alegre,
realizável:
se é de dormir,
porque respiras
sentir-te vivo;
de sonhar,
porque apalpas
a esperança
do palpável;
de espevitar, porque te intriga
nas razões da consciência;
de estar desperto,
porque a inércia
possibilita-te
elevares-te em asas pela rota
da delícia.
De quantas manhãs é a alegria?

Abrir os olhos
e, nos olhos...! a luz!

Romance da precisão imprecisa

Às escuras de tudo e de todos,
estendido na hora nocturna,
deitado e sem dormir,
deserto de ideias e oprimido,
invade-me uma tristeza
espessa e pesada,
amarga como a distância
do que é mais querido e que se afasta.

Sem sequer o notar, o sonho
é fuga pela ruga
do tempo, que se enfraquece
como a árvore que perde a folha.
E não encontro o que em mim
possa esconder-me a culpa
de não me sentir culpável
nesse vazio absurdo
que não adormece a resposta
nem desperta a pergunta.
Que ao não ser do que sou
que nem me afunda nem deixa flutuar...?

Que passiva ternura,
que ardente a iminência
que ímpio o paradoxo,
que impulso cativo de inércia,
que voz e já sem palavra,
e que desassossegos de imprudência
e esse estar sem sequer sentir-se...
Nubla-se-me enciclopédica

imperturbável e activa
a indócil circunferência
da noite deste sonho
—despida de periferia—
ao amanhecer da esperança
em cada experiência...

Ainda deitado fora de horas
na escuridão de tudo, em tudo
para que não volte a dormir
nem a luz me desperte,
impreciso se precisa
o subtil que eu sou...

E, entretanto, a minha mulher
dorme virtuosa de ser
a mãe dos nossos filhos
e de mim mesmo também.

Ela, puro itinerário
do meu vasto amor diário!

Quando calo

Calo
e o pensamento do coração segreda-me
a chama
que me suspira:

fidelidade,
memória,
fé, concordância,
misericórdia...

Por que é que sou cristão?
Tu, Cristo por todos os meus lados firmes;
Tu, Deus
alimentando a minha capacidade.

E, entretanto,
és o Espírito
o que me pensa e causa...
Alma minha, misericórdia
de mim!

Diálogo o que me fala

Candidamente, sensibiliza-me
que me dialogue
a adolescência de jasmim
ao entardecer,
a puberdade de magnólia
nocturna,
a adulta aurora
de nardo,
o rubor matutino cercado
de alvares...

E quero entendê-los, porque pensar
tão só convida
à alegria
quando é austera.
E reduzo o riso e o choro
aos activos amorosos
de amar a gesta
do grande gesto de singularizar
todo o plural
que me dialoga
a mim mesmo...

Sensível
na desordem
dos sentidos sentindo-se sensuais,
o distante,
do próximo,
consegue que o desejo prefigure no ar
e a pele

o erótico
perfil
horizontal
de querer mais
do que quero,
quando mal sei
que és o querer...

Mas é que ainda, candidamente,
creio ter cerca de mim
(não a *vera verita*
circunvalando-me,
mas sim tão intangível e tão próxima
como a livre amizade)
um esvoaçar
subtil como a fé
e essencial como a esperança.
E é por isso que amo
a oração
que nunca pede
resposta,
apesar de se estranhar na pergunta;
quando rezo,
raciocino
como o único Deus que tenho,
eu submisso, dulcificando-me
cada razão
para que Ele
se me torne doce
irmanando-se
por mim.

... Se regresssei despertando-me
na natureza
que sabe ser-me normal,

não respiro
o tempo de pregaria
que sempre
suspira
as aspirações quase numa queixa,
desejo
que se julgue necessidade...

Por quê entre tanto diálogo
caio no monólogo?
A profusa oratória
retira da mãe
o mais puro da eloquência,
... Calo-me
para poder ouvir-me
em tudo o que me fala...

Parêntesis saudável para cantar

1

Quando numa segunda-feira eu chorava,
um domingo o céu brindou-me.
E passei pela semana
e o tempo encheu-me de verdes.

2

A Lua nunca chora
jamais a Lua ri;
é séria com o que fala
e alegre com o que diz.

3

Olha-me profunda a aurora
da sua luz virginal,
simples como uma ideia
que foge se não há despertar.

4

O Sol possui um cálido segredo
de quanto breves são as papoilas.
Mas sei que é feliz
vivendo-me num hoje de anoiteceres

5

É uma luz intuída
do gozo que é sensível;
por isso só espreita
ao expirar o invisível.

6

Não há razão para encolher as asas
nem há razão para esconder o corpo:
viver é possível se este estiver de acordo
em escolher que pó é do coração e
qual é que pertence ao barro.

7

Vida, se eu te soubesse
tirar-me-ias do umbral
da esperança ideal
que me contradiz a carne triste.

8

Agora que sei
pronunciar
o nome de Deus
sem necessidade de falar,

é agora que tenho medo
de tanto caminho
partindo do eu
frente a frente comigo mesmo.

Não é suficiente

Sinto um suspiro feliz se a razão
se torna coração da minha consciência,
embora não chegue ainda perícia
que há entre o vento e as velas.

Por que é que, se sou a fonte
da qual me brota a alma,
me sufoca assim a terra
que me precipita a ânsia?

Não sei por que é que não é suficiente
na bruma do meu ser,
essa serena surpresa
de abrir os olhos em cada amanhecer!

Se a custo vou estando

“Vives já na estação do tempo retardado:
chamaste-o o Outono das rosas”.

FRANCISCO BRINES

A razão inevitável
de ver a sombra,
abrevia-me a cresta
que ainda é doce
a partir daquela claridade
vertiginosa.

E não é o prazer do ser que fui calando,
porque as palavras não me envelhecem,
mas não quero ouvir
qual é o tempo que me fala.
Já não é cedo, nem tarde
na espera branca.

De um intrínseco silêncio de jasmims,
o princípio da noite vibra de magnólias
que tornam intensa a expiração da memória
das minhas memórias.
Se as rosas em mim nunca têm Outono
por que é que o Outono em mim se abre em rosas
que me renovam a fé na fé de cada dia
sem a âncora que impune marca as horas?

E como difícil é a água
que me torna tão justa a razão da sede!
... Se a custo vou estando,
é de tanto que vou sendo...

Alba, a alba!

O ar quieto
dos silêncios incendiados
suspira-me a sede
primordial dos beijos
tão meus
e teus
que não me são nada
sem o tu e o eu do beijo.

Neste corpo de dois,
vive sem cada um
no amoroso
do tu no meu e o eu em tu,
de quem é a carícia
se não faz falta a primícia
no ser e no estar
no íntimo prazer de amar?

Não me digo nem te digo;
não faz falta.
Tudo é saber ser bom
do açúcar ao sal,
despertando certamente
sem estar nunca desperto
de todo...
e rebentar gomo a gomo.

Quando a alba nos alcança
que jovem é a esperança!

Amor branco

Se sou poeta da água
para todo aquele que tem sede
terei que dizer do coração aqui do coração.
qual é o manancial da fé

Nunca levarei o meu cântaro
para vos oferecer o meu púcaro,
porque já tomei o gosto
aos caminhos do meu esforço.

Como direi o hino secreto
do loureiro na penumbra?
Como está quieto o silêncio
em cada palavra sem graça!

Mas é que necessito de dizer do coração
qual é o manancial da fé,
porque poeta de água
é quem ama a quem tem sede.

O pulsar de cada luz

Escolho o espelho de cada Lua
na sombra momentânea de cada Sol
e compreendo a euforia oportuna
de ocultar qualquer coisa;

que o tempo não me prova nem me passa,
imperativo queda-se em mim
e pesando o pouco e o muito,
dispo o não de cada sim.

Espelho de Lua é a razão
de um brilho em dependência
que escurece o Sol de levar consigo o eu
a ser escravo do prazer da onisciência...

Viver vivendo em cada eu
de cada história da vida,
pulsa o desassossego de ti para ti
que me abrevia sempre que me convida,

que não há Lua se não há Sol
nem para o voo tenho eu asas!

Romance amargo

Rio-me e volto-me a rir,
porque já sei que na vida
nem tudo depende do umbigo.

Há coisas, muitas coisas
que não tenho nem nunca tive;
há jogo e há liberdades,
há mordisco e há suspiros,
há, inclusive —oh grave desenfreamento!—
quem seja jovem e, mais, rico...
Para poder morrer
eu só uma vida tenho.

Por isso quando o amor aparece
fazendo estalar o instinto em coro
sussurrando estreladas palavras
de etimológico desejo
e a carne cantarola
participando-me o estilo
e o sangue é a sarça
que me arranha o espírito
com um choro de amoras verdes...
rio-me e contrarrio-me,
porque ter eu uma vida
para poder morrer
é fazer rodar o mundo
centrado no meu próprio umbigo.

E agora já sei...! —quanta graça
de humor tão triste!—

que o mundo é um facto esférico
que nunca se centra em mim que não centra nada
de meu

Não é para rir e rir
entre sofrimento e prazer
dizer que se vá e que volte
porque não estarei onde estou?

E o meu coração continuar a amar
enquanto me rio, sim, enquanto me rio
com lágrimas que não nascem
precisamente do meu umbigo...
Para que possuo uma alma virgem
que morre de desejos por ter
uma vida sem idade
para ganhar-me e morrer.

Morrer?

Eu tenho muitos mortos, que ainda estão mal mortos,
que me vivem tão dentro de mim cada momento
que não sei se me inventa o sentimento
ou vá das minhas veias pronunciando o meu sangue.

Porque quem morre deixando ainda cheias
as essências do ar convivente,
não me nubla a fé do pensamento
leal às memórias já serenas.

Morrer apenas a morte encontra
quando se deixa o silêncio da voz
na palavra fértil da recordação.

Os mortos que possuo são tão meus
que me vibram ancorados no meu porto
esperando a bonança do Deus meu.

A edição do número 13 de
ELS PLECS DEL MAGNÀNIM,
Sou quem sou
de Xavier Casp,
foi impresso em papel Torreón,
quer o seu miolo quer a sobrecapa,
em tipo Didot para o texto.
Acabou de se imprimir
no dia 31 da Janeiro de 2001,
em Sueca,
nas oficinas da tipografia
de Lluís Palacios

